

O PULSO QUE AINDA PULSA

The pulse that still pulse

Jackie Gonçalves¹

Narrativa encaminhada: 22/06/2021

Narrativa aceita para publicação: 01/12/2021

Meu nome de nascimento é Jacqueline Gonçalves, sou de 1963, pude ler como autodidata 181 livros, já estudei como Bolsista no colégio Pitágoras e mais tarde fiz Pedagogia na FUMEC em Belo Horizonte, Minas Gerais. Dei algumas aulas, mas não conseguia direito, tinha pouca fala. Fui para o Teatro, mas não tinha palavras na minha boca, meio autista, borderline (uma esquizofrenia branda) que sou.

Sei que com 18 anos sofri um baque muito grande que me prejudicou a vida toda. Fui fazer teatro contra a permissão de meus pais. Morei em São Paulo e no Rio, onde pude dar algumas aulas fracassadas. Faltavam palavras na boca e virei outra pessoa, até rebelde, marxista e de contracultura.

Voltei para BH onde moro há anos com minha família. Só porque chegava em casa às 4 da manhã, a família e os amigos me repreenderam. Não fiz nada de errado. Ia aos lugares e voltava para casa sozinha. Era viva e jovem. Na época, era viva e escrevia textos. Andava com roupas muito simples. No começo tinha trabalho, mas depois com a idade acabaram os empregos, já não conseguia trabalhar – eu mesma pedia demissão. Meu amigo disse que não ia conseguir mais emprego, pois havia aprontado muito- eu nada falava, não reagia. Fiz foi chegar tarde em casa e não fiquei com ninguém: solidão. Minha família me largara. Costumo pensar que tenho meia família e não uma inteira. Já estava à margem da sociedade e tão nova. Sem família, sem amigos. Comecei a andar sozinha. Já estava surtada. Sou uma artista à margem da sociedade, mas não sou “marginal”.

¹ Jacqueline Gonçalves é usuária do Centro de convivência Carlos Prates/Prefeitura de Belo Horizonte/MG, transita pelo teatro, letras e artes plásticas. Atualmente, é secretária da Associação dos Usuários de Saúde Mental de Minas Gerais. Em sua narrativa, retoma as experiências de sofrimento mental e as ressignificações possibilitadas pelo encontro com a arte no Centro de Convivência. Email: cccarlosprates@pbh.gov.br

Comecei a escrever na década de 1980 e até hoje não parei. Hoje me dedico no Centro de Convivência Carlos Prates de BH-MG a escrever e pintar. Toda semana pinto e faço escritos que reconstituem minha alma tão ultrajada. Eu tenho feito pintura em argila, o que me faz sentir bem aliviada. Sinto-me alegre. A pintura, a escrita e o desenho são para mim um alibi mental e físico. Não me sinto só. Também faço teatro na saúde mental no grupo “Sapos e afogados”. Sou atriz. Sou também secretária na ASUSSAM de BH/MG (Associação de Usuários de Saúde Mental) já há muitos anos. Espero que as oportunidades sempre possam crescer nos serviços substitutivos ao manicômio e que prevaleçam para sempre.

Devo pensar para frente e deixar de remoer o passado. Penso em continuar nos serviços substitutivos. Manter os poucos amigos que adquiri. Cuidar um pouco da minha mãe como companhia, cuidar da casa, como arrumar cozinha, guardar lixo e cuidar do meu quarto.

Este é um diário de minha própria história. Das palavras, dos dialetos, das várias línguas do mundo e dos seus grandes escritores nasce uma fagulha de poesia, como renascer naquelas folhas escritas espalhadas pelo chão da sala. E assim, como canta Titãs: “o pulso ainda pulsa”.